



XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16a Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

BRASIL E AMÉRICA – SÉCULOS XX-XXI

A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2021): Uma análise a partir das publicações da CEPAL.

The Covid-19 Pandemic and its Economic and Social Impacts in Latin America and the Caribbean (2020-2021): An Analysis Based on CEPAL Publications.

Acson Gusmão Franca, Doutorando no Programa de Pós Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; acson_franca@yahoo.com.br

RESUMO: O início da pandemia do novo coronavírus, em março de 2020, trouxe uma série de consequências para as economias mundiais, resultando em uma crise econômica e social de grandes proporções. Para os países da América Latina e Caribe, a mesma gerou inúmeros impactos deletérios, atingindo, sobretudo, as camadas menos favorecidas. Isto posto, o presente artigo buscou revistar a crise provocada coronavírus, no período 2020-2021, com intuito de discutir como a mesma atingiu as economias periféricas. Para tanto, foram analisados alguns documentos produzidos pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe nos três últimos anos e outras bibliografias que discutiram a temática, seguindo a mesma perspectiva. Os resultados obtidos com o estudo nos revelaram que essa crise afetou negativamente o dinamismo dessa região, gerando uma piora em alguns índices. Diante disso, torna-se necessária a atuação estratégica do Estado no redirecionamento dos investimentos, na política fiscal, social etc.

Palavras-chave: Covid-19. América Latina. Caribe. Crise. Desenvolvimento

ABSTRACT: The beginning of the new coronavirus pandemic, in March 2020, brought a series of consequences for the world's economies, resulting in the economic and social crisis of large proportions. For the countries of Latin America and the Caribbean, it generated numerous deleterious impacts, reaching, above all, the less favored layers. That said, this article sought to review the crisis provoked by the coronavirus, in the period 2020-2021, in order to discuss how it affected the peripheral economies. For this purpose, some documents produced by the Economic Commission for Latin America and the Caribbean in the last three years and other bibliographies that discussed the subject were analyzed, following the same perspective. The results obtained from the study revealed that this crisis negatively affected the dynamism of this region, causing a worsening in some indices. In view of this, it is necessary for the State act strategically in redirecting investments, in fiscal and social policy, etc.



Keywords: Covid-19. Latin America. Caribbean. Crisis. Development.

1- Introdução

A pandemia provocada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, anunciada em março de 2020 pelo diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom, trouxe profundas mudanças para a vida em sociedade. Diante de um novo cenário marcado pela propagação do vírus para os diferentes continentes do globo e pelo aumento repentino do número diário de mortes, novos protocolos e recomendações ganharam espaço e notoriedade tanto na mídia quanto em outras dimensões (Who, 2020).

Em outros termos, a criação e a implementação de medidas de isolamento social, como a suspensão de aulas presenciais, eventos, além do fechamento de lojas, restaurantes e bares, “a fim de evitar aglomerações e, com isso, a diminuição do ritmo de contágio do vírus, passaram a ser utilizadas, como forma de preservação de vidas mediante a redução do pico de incidência da doença” (Trece, 2020, p.19)¹. Aliado a isso, a insuficiência de um conhecimento científico relacionado a doença e à efetividade dessas medidas, somado à sua alta velocidade de transmissão e capacidade de causar mortes em grupos vulneráveis, instaurou um clima de pânico global (Werneck; Carvalho, 2020).

Apesar de consideradas necessárias nessa etapa, haja vista os seus possíveis benefícios, a adoção dessas primeiras medidas “emergenciais” também gerou para essas economias inúmeros desafios em termos econômicos, tais como: queda na oferta e na demanda de determinados bens; redução das expectativas de crescimento e da geração de emprego e renda. Por conseguinte, ocorreu um aumento das incertezas da população e das empresas, com relação à duração da pandemia, uma vez que nesse primeiro momento não haviam vacinas conhecidas, nem medicamentos eficazes capazes de combater o vírus, o que reduziu as expectativas de investimentos futuros em várias áreas (Trece, 2020).

¹ Essas e outras medidas supracitadas foram adotadas num primeiro momento, para que os sistemas de saúde dos países mundiais não colapsassem e, assim, milhares de vidas pudessem ser salvas, por meio de um tratamento médico adequado. Em seguida, novos protocolos foram estabelecidos, os quais foram seguidos à risca até o início do processo de vacinação. (Sem-crowe; Mckenney e Elkbili, 2020).



Dada conjuntura, teve início uma nova recessão econômica mundial², com implicações nas áreas da saúde, educação, transportes, cultura, lazer etc. Nesse cenário de crescente instabilidade econômica e social, e, conseqüentemente, de busca por possíveis caminhos a serem seguidos para a recuperação econômica, diversas pesquisas sobre a pandemia da covid-19 foram realizadas no Brasil e no mundo, à luz de perspectivas distintas.

Algumas destas utilizaram uma abordagem marxista, por exemplo, para mostrar como a pandemia da covid-19 contribuiu, não apenas para o crescimento do desemprego e da informalidade, mas, sobretudo, para o aumento da exploração da força de trabalho daqueles que permaneceram em seus postos de trabalho, inseridos na nova modalidade “home office”³. Outras se basearam nas publicações de Hyman Minsky e de autores da escola pós-keynesiana, para mostrar a crescente fragilidade financeira das economias globais que ocorreu nesse ínterim, em virtude do aumento da oferta de crédito e do pagamento de altos juros. Nessa fase, essas economias tiveram que assumir posições mais arriscadas (Ponzi) para tentar reduzir seus altos níveis de endividamento⁴.

Esse ensaio, porém, ainda que aborde indiretamente questões apresentadas por essas duas escolas de pensamento supracitadas e de outras, se concentrará nas publicações de umas das escolas de pensamento que serve de referência para as inúmeras pesquisas relacionadas à realidade das economias subdesenvolvidas: a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)⁵. Estas, por sua vez,

² De acordo com informações disponíveis no site do Banco Mundial, a referida crise pôde ser definida como a décima quarta recessão mundial dos últimos 150 anos, e a quarta mais forte deste período, ficando atrás apenas das recessões das duas guerras mundiais e da crise da Grande Depressão em 1929. No entanto, essa recessão apresentava características um tanto distintas, relacionadas aos riscos de contaminação e morte pelo novo vírus. Disponível em: <https://www.worldbank>. Acessado em 23 de Abril de 2023.

³ Sobre a questão da precarização do trabalho, ver ANTUNES, R. Proletariado digital, serviços e valor. In: ANTUNES, R (org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida: o mosaico da exploração*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 15-23; ASSIS, D. Home Office promete ser um dos principais legados da pandemia do coronavírus. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. *Pandemia e pandemônio no Brasil*. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020, p. 206-218.

⁴ Nesse grupo estão alguns trabalhos, como: PAULA, L.F. A crise do coronavírus e as políticas contracíclicas no Brasil: uma avaliação. *IE-UFRJ. Discussion Paper*; TD 016-2021; MARTINS, N.M., TORRES FILHO, E.T., MACAHYBA, L. Os aspectos financeiros da crise do coronavírus no Brasil: Uma análise minskyana. *IE-UFRJ Discussion Paper*, nº 013, agosto, 2020.

⁵ A Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) foi criada no ano de 1948, com a tarefa de diagnosticar os problemas existentes na realidade socioeconômica dos países subdesenvolvidos, bem como sugerir políticas direcionadas à promoção do desenvolvimento econômico desses países no



assumiram grande relevância na atual fase, por analisar as consequências desse processo para essa região especificamente, levando em conta as suas condições históricas-estruturais e a influência destas na sua dinâmica nessa fase de instabilidade econômica internacional ⁶. A CEPAL conseguiu, através desses estudos desenvolvidos nos últimos três anos, captar tendências, particularidades e os desafios impostos por essa crise às economias subdesenvolvidas, de maneira a traçar um panorama geral dessa região. Contudo, algumas questões levantadas pela CEPAL nesses documentos ainda não foram respondidas, enquanto que outras “respostas” dadas já foram reformuladas.

Pensando nisso, o presente ensaio se propõe a analisar os impactos econômicos e sociais da crise causada pela pandemia de COVID-19 na América Latina e no Caribe, de modo a evidenciar como a mesma afetou o subdesenvolvimento dessas economias nessa fase especificamente (2020-2021), dada às suas condições específicas de produção e de inserção subordinada ao comércio internacional. Para tanto, serão utilizadas como bibliografias principais os documentos produzidos pelo Observatório Covid-19 e outras publicações da CEPAL dos últimos dois anos e, de maneira complementar, os trabalhos de outros autores, que discutiram temática, seguindo a mesma perspectiva.

2. Os impactos econômicos e sociais da pandemia na América Latina e Caribe

De acordo com o primeiro relatório apresentado pela CEPAL, em abril de 2020, os países da América Latina e Caribe seriam atingidos de maneira mais perversa por essa crise, uma vez que os mesmos se encontram em uma posição mais “fraca” do que o resto do mundo. Ou seja, por possuírem uma estrutura produtiva heterogênea e especializada, bem como uma elevada desigualdade social, dentre outras

pós-guerra. Sob a liderança de Raúl Prebisch, os autores ligados à CEPAL, tais como: Celso Furtado, Aníbal Pinto, Fernando Fajnzylber, etc. desenvolveram uma teoria do subdesenvolvimento periférico, baseada na relação centro-periferia, como forma de descrever a relações existentes entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. O documento que inaugura o pensamento cepalino tem como título; *Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus problemas*, e foi escrito por Prebisch em 1949, se tornando um verdadeiro manifesto dos países periféricos. Com o intuito de apoiar os países da região em tempos de pandemia, em maio de 2020 foi criado o *Observatório COVID-19 da CEPAL*. Ele funciona como um instrumento de acompanhamento e monitoramento dos efeitos da crise gerada pelo coronavírus na região, no médio e longo prazo. Para maiores informações, ver: <https://www.cepal.org/pt-br/noticias/observatorio-covid-19-cepal-instrumento-apoio-america-latina-o-cari-betempos-pandemia>. Acessado em 10 de abril, de 2023.



especificidades⁶, as implicações desse processo para a população mais vulnerável, como: pessoas com problemas de saúde, idosos, jovens desempregados, mulheres, trabalhadores desprotegidos e migrantes etc., seriam maiores e mais evidentes (Cepal, 2020a).

Nesse sentido, uma análise pautada em alguns índices selecionados poderá corroborar essa informação supracitada, de forma a nos revelar como uma crise sanitária, humana e econômica sem precedentes na história comprometeu a vida da população e o dinamismo dessas economias, criando efeitos multiplicadores nas diferentes esferas. Isto posto, de antemão, será apresentado o número de óbitos por COVID – 19 registradas no mundo, como forma de estabelecer uma comparação entre as regiões acometidas pelo vírus em questão.

Tabela 1 – Número de óbitos causadas por COVID-19 por região (31/12/2021)

Região	Óbitos por Covid	Porcentagem de óbitos/em proporção das mortes no mundo	População (Julho de 2021)	Mortes por Covid por cada 1000 hab
América Latina e Caribe	1.545.956	29,7	659.743.612	2,34
Europa	1.410.425	27,12	747.747.396	1,89
Ásia	1.218.214	23,42	4.679.660.580	0,26
América do Norte	802.899	15,44	371.107.718	2,16
África	219.906	4,23	1.373.486.472	0,16
Oceania	4.468	0,09	43.219.954	0,1
Mundo	5.201.868	100	7.874.965.732	

Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (2022a), com base nas informações disponibilizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard.

* Esses dados apresentados foram coletados, tendo como referência a data de 31 de dezembro de 2021.

⁶ Essas especificidades estão evidenciadas nas obras de diversos autores que compõem a CEPAL. As abordagens de Celso Furtado e Raul Prebisch, por exemplo, que discutem essas e outras questões estruturais que impactam no processo de desenvolvimento dessa região podem ser observadas no primeiro volume da obra *Cinquenta anos de pensamento da CEPAL*, organizada pelo economista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ricardo Bielschowsky, a qual traz uma coletânea de textos centrais das teses da CEPAL



De acordo com a tabela acima, até a presente data a região da América Latina e Caribe possuía o maior número óbitos (1.545.596), o que representava 29,7% do total de óbitos por COVID-19 registrados no mundo (5.201.508)⁷. Em termos relativos, a região era também a que registava mais óbitos por 1.000 habitantes (2,34 óbitos), seguida da América do Norte (2,16) e da Europa (1,89). Por outro lado, na Oceania esse índice foi o menor (0,1) (Cepal, 2022a). Segundo a OMS (2021), a nível regional, até essa data de referência, o Peru era país latino-americano com o maior número de mortes, para cada 1.000 habitantes (6 óbitos), seguido pelo Brasil (2,89), Argentina (2,57), Colômbia (2,53), México (2,30), Paraguai (2,30) e Chile (2,03)⁸. Essa letalidade do vírus nesses países está relacionada às suas limitações econômico-sociais, como a debilidade dos sistemas de proteção social, e à própria forma como a pandemia foi enfrentada em cada um deles, o que provocou uma lentidão no processo de vacinação e tratamento, fazendo aumentar transmissibilidade e gravidade das infecções (Abramo; Cecchini; Ullmann, 2020)⁹

Entretanto, é importante ressaltar que ocorreu no ano de 2022 uma queda considerável no número de mortes nessa e em outras regiões do mundo, em virtude do avanço no processo de vacinação contra a COVID-19¹⁰. Tal fato evidencia que, apesar das críticas ainda existentes no que refere à sua eficácia e aos chamados “efeitos colaterais”, as vacinas constituem a principal ferramenta de controle para a crise sanitária, social e econômica desencadeada pelo referido vírus (Cepal, 2021).

Uma vez conhecida a letalidade do vírus nos diferentes continentes, torna-se necessário discutir os impactos da pandemia na esfera econômica. Assim, tal análise

⁷ De acordo informações do World Health Organization, até o presente momento, ocorreram no mundo 6.897.024 óbitos por Covid, enquanto que o número de casos confirmados chega a 762.791.152. Essa informação encontra-se disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acessado em 10/04/2023.

⁸ Em termos absolutos, o Brasil era segundo país do mundo com mais mortes por COVID-19 (618.817), depois dos Estados Unidos (816.742) (OMS, 2021). Essa tendência se manteve no ano seguinte. Segundo o Who, o número total de óbitos por COVID no Brasil, alcançou, em abril de 2023, a marca de 700.239.

⁹ Essa lentidão no processo de vacinação pode ser explicada por vários fatores, mas sobretudo, pela monopolização da produção relativamente baixa de vacinas pelos países de alta renda, pelo alto preço das vacinas e por outros obstáculos que a COVAX Mecanismo de Acesso Global a Vacinas contra a COVID-19 desenvolvimento (Cepal, 2021a)

¹⁰ Segundo as informações da OMS, em 31 de dezembro de 2021, 59,4% da população da América Latina e Caribe (389,4 milhões de pessoas) estava com o calendário de vacinação completo. Atualmente esse índice chega a marca de aproximadamente 80%.



partirá do comércio internacional, variável chave para compreender como essa conjuntura influenciou no volume das exportações e importações de bens, e, por conseguinte, no saldo da balança comercial da América Latina e do Caribe.

**Tabela 2- América Latina e Caribe: Exportações e Importações de bens 2018-2021
(milhões de dólares)**

	2018	2019	2020	2021*
Exportações	1.091.383	1.063.616	959.693	1.211.842
Importações	1.087.699	1.050.971	889.964	1.199.226
Saldo da Bal. Comercial	3.684	12.645	69.729	12.616

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (2022b).

* O valor apresentado para esse ano é uma projeção realizada, com base nas informações obtidas.

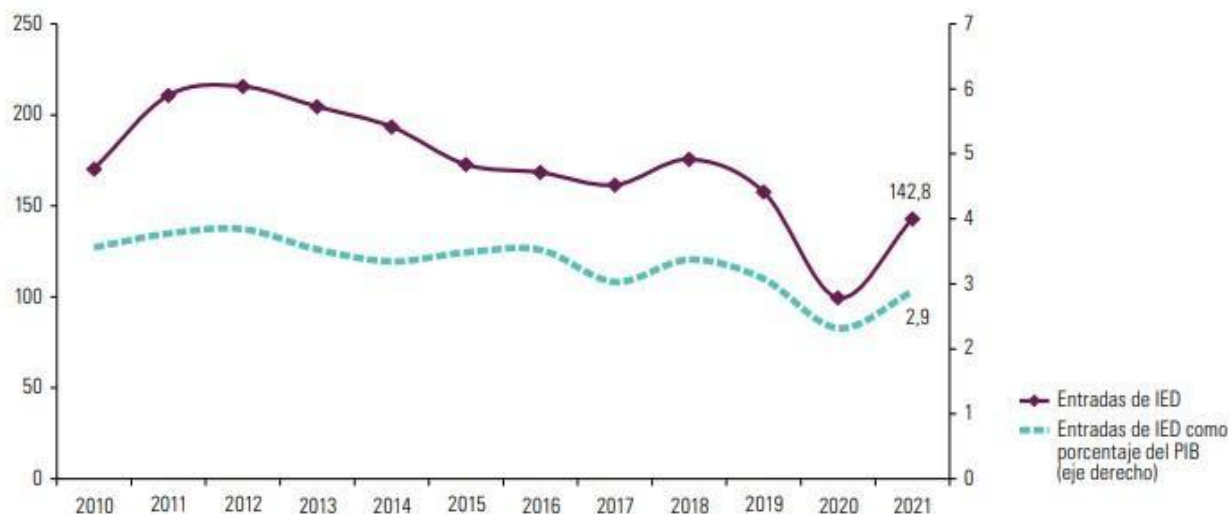
Apesar de obter um superávit na balança comercial, como aponta a tabela acima, a contração do comércio mundial reduziu a demanda externa de bens primários produzidos por esses países, ocasionando, no ano de 2020, uma queda de 9% no valor das exportações (US\$ 103.923) e de 15% no valor das importações (US\$ 161.007), em comparação ao ano anterior. Essa retração poderia ter sido ainda maior, porém, a recuperação dos preços das *commodities* no mercado internacional, que ocorreu a partir do segundo semestre do ano de 2020, ajudou a segurar essa queda nas exportações, impedindo que a tendência de desintegração comercial e produtiva se agravasse nessas economias (Cepal, 2022b). De acordo com o Banco Mundial, impulsionados pela guerra na Ucrânia e por outros fatores externos, os preços de alguns produtos primários desses países alcançaram patamares superiores aos observados na crise de 2008, “alguns até atingiram máximas históricas desde que a série de preços existiu, como produtos agrícolas (alimentos) e metais não preciosos e minerais” (Banco Mundial, 2023a, p.02)¹¹.

¹¹ Segundo o Banco Mundial (2023a), a guerra provocou grandes perturbações no abastecimento de produtos básicos dos quais os países periféricos são os principais exportadores (energia, produtos agrícolas, fertilizantes e alguns metais, entre outros). Essas perturbações contribuíram para que se intensificassem as pressões de preços já existentes nos mercados de commodities após a recuperação da pandemia de COVID-19, gerando uma retomada da demanda global e limitação da oferta a partir de 2020.



Por conta dessa contração no comércio internacional, houve uma redução da entrada de Investimento Direto Estrangeiro (IED) na região da América Latina e Caribe, no período 2019-2020 (gráfico 1).

Gráfico 1 - América Latina e Caribe: investimento estrangeiro direto recebido, 2010-2021 (Em bilhões de dólares e porcentagens do PIB)



Fonte: Comissão Econômica para América Latina e Caribe (2022c).

De acordo com o gráfico supracitado, nesse ínterim o total de IDEs que ingressou na região reduziu da casa dos 150 bilhões de dólares, em 2019, para uma média de 120 bilhões, em 2020. De igual modo, o peso da entrada desses IDEs, em proporção do PIB caiu para 2,4% nesse ínterim. No ano de 2021 ocorreu uma fraca recuperação, e essas entradas alcançaram o total de US\$ 142,8 bilhões, porém esse crescimento não foi suficiente para atingir os níveis de investimento anteriores à pandemia¹².

De fato, nesse contexto desfavorável a construção de novas instalações de empresas transnacionais nas economias periféricas, bem como a abertura de filiais, deixou de ser atrativa aos interesses externos, haja vista a redução nas expectativas de lucratividade dos investimentos (Cepal, 2022c). No entanto, apesar da queda pouco acentuada, o investimento estrangeiro não perdeu sua relevância para essas economias,

¹² “À semelhança do que aconteceu no resto do mundo, em 2021 os fluxos de IDE na América Latina e no Caribe se recuperaram após a forte queda registrada o ano passado. Foram recebidos 142,794 milhões de dólares, um valor de 40,7% superior ao de 2020. Da mesma forma, o peso das entradas de IDE em PIB atingiu 2,9%, valor ainda abaixo do observado durante o 2010 (3,5%)” (Cepal, 2022c, p.11).



continuando a atuar como complemento do investimento nacional, fonte de novos capitais e na expansão de “atividades exportadoras, desenvolvimento da indústria automotiva, telecomunicações, segmentos da economia digital e de outros setores que possuem importância estratégica, como a indústrias farmacêutica¹³ e de dispositivos médicos”. Ademais, é importante ressaltar as transferências de recursos entre matrizes e filiais que cresceram nesse íterim, para salvar essas últimas da falência, ou mais frequentemente para evitar o endividamento, via, aumento dos juros (Cepal, 2020b, p.03).

A redução desses dois índices apresentados, ambos essenciais para indústria e para o crescimento dos países da América Latina e Caribe, aliado a outros fatores internos (como a volatilidade cambial, aumento do risco soberano), contribuiu para que ocorresse uma queda no Produto Interno Bruto (PIB) total dessa região, como indica a tabela 2.

Tabela 2 – América Latina e Caribe: PIB bruto (2018-2021)

Ano	Valor Bruto (US\$ milhões)	Varição Anual
2018	5.415.371	1,3
2019	5.293.881	0,2
2020	4.448.125	-6,9
2021	5.201.229	6,5

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (2022b)

Nesse sentido, é possível observar que o choque econômico causado pela pandemia do COVID-19 causou uma diminuição de US\$ 845.756 milhões no PIB da

¹³ “O setor farmacêutico é estratégico para a América Latina e o Caribe por sua relevância em duas áreas centrais para o desenvolvimento socioeconômico da região e a conquista dos ODS: i) seu impacto na saúde pública e ii) sua importância como setor industrial de base tecnológica, com grande potencial de criação de competências, valor, emprego e atração de investimentos. Dado o impacto da pandemia, os países da região manifestaram interesse em que a região reavalie sua capacidade produtiva e tecnológica nas indústrias de bens e serviços ligadas ao complexo da saúde, como foi manifestado no plano aprovado por unanimidade na cúpula da Comunidade de Estados da América Latina e Caribe (CELAC) em 2021” (Cepal, 2021b, p.06).



região, no período 2019-2020, o que representou uma queda considerável de 6,9%, em relação ao ano anterior. Entre os países, as quedas mais significativas apontadas pelo relatório da CEPAL ocorreram na Venezuela (-29,8), Bahamas (-24,6) e na Antígua e Barbuda (-20,2). No Brasil, o PIB bruto apresentou uma queda de 3,9¹⁴.

Nesse momento de maior vulnerabilidade econômica, as expectativas de investimento, produção e consumo despencaram, de maneira a gerar o fechamento de inúmeras empresas, reduzindo assim soma dos bens e serviços produzidos por esses países¹⁵. Assim, essa região que já apresentava um baixo crescimento econômico; em média 0,3% no período de 2014-2019, e especificamente em 2019 uma taxa de 0,2%, viu essa taxa despencar e se tornar negativa (-6,9) (Cepal, 2020a).

Nessa esteira de determinações, a pandemia também teve um impacto severo no emprego, refletido na clara redução no número de novas contratações, e sobretudo, no aumento do desemprego na América Latina e Caribe (gráfico 2), ambos causados pela desaceleração da atividade econômica nesses países. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (2020), a região foi aquela que enfrentou a maior perda de horas de trabalho do mundo desde o primeiro semestre de 2020.

Gráfico 2- América Latina e Caribe : taxa de desemprego, por sexo (2008–2022)



¹⁴ Para maiores informações sobre essa queda no PIB de cada país da região, ver os dados disponibilizados em: CEPAL. *Estudio Económico de América Latina y el Caribe*, 2022. Santiago, 2022b.

¹⁵ “A crise afetou gravemente as estruturas produtivas e o mercado de trabalho: mais de 2,7 milhões de empresas fecharam e o número de desempregados aumentou para 44,1 milhões” (Cepal, 2020 a, p.01).



Fonte: Comissão Econômica para América Latina e Caribe (2022c)

Conforme o gráfico, no ano de 2020 a taxa de desemprego masculina que era de 6,8%, em 2019, subiu para 9,1%; enquanto que a feminina teve um crescimento ainda maior, saltando de 9,5%, para 12,1%. Essa diferença evidencia como a pandemia acarretou um aprofundamento da desigualdade de gênero no mercado de trabalho desses países, em que a maioria das mulheres trabalha em setores e ocupações tradicionalmente subestimados, o que afeta os salários e condições de trabalho.

A CEPAL estima que a crise teve um impacto maior em setores altamente feminizados, como comércio, manufatura, turismo e serviços domésticos remunerados. Em 2019, os setores com alto risco de declínio do volume de produção e perda de empregos como resultado de medidas para conter infecções representaram cerca de 56,9% do emprego feminino e 40,6% do emprego masculino na América Latina; para o Caribe, as cifras foram de 54,3% para mulheres e 38,7% para homens. Além disso, em 2021 alguns dos setores mais afetados pela pandemia em termos de perda de empregos, que apresentam altas taxas de participação feminina, mostraram sinais de recuperação mais lenta do que setores em que os homens são maioria. Espera-se que as mulheres que saíram do mercado de trabalho permaneçam nessa situação por mais tempo. (Cepal, 2022d, p.69).

Concomitantemente a esse aumento nas taxas de desemprego, intensificou- o ritmo de crescimento do nível geral de preços nas economias da América Latina e do Caribe (tabela 3), isto é, o IPCA, que mede a inflação. De fato, tal aumento atingiu a maior parte dessas economias, porém, em magnitudes diferentes, como pode ser observado a seguir.

Tabela 3 - América Latina e Caribe: taxas de variação ano a ano do índice de preços ao consumidor (IPCA), dezembro de 2019 a junho de 2021 (porcentagens)*.

Região/país	Dez/2019	Dez/2020	Jun/2020	Jun/2021
Amér. Lat e Caribe	3,1	3,0	2,1	5,4
América do Sul	3,3	3,0	1,8	5,5
Bolívia	1,5	0,7	1,4	0,2
Brasil	4,3	4,5	2,1	8,3
Chile	3,0	3,0	2,6	3,8
Colômbia	3,8	1,6	2,2	3,6
Equador	-0,1	-0,9	0,2	-0,7
Paraguai	2,8	2,2	0,5	4,5



Peru	1,9	2,0	1,6	3,3
Uruguai	8,8	9,4	10,4	7,3
Amer. Cent e México	2,7	3,0	2,7	5,2
Costa Rica	1,5	0,9	0,3	1,9
Cuba	1,3	18,5	1,1
Rep. Dominicana	3,7	5,6	2,9	9,3
El Salvador	0,0	-0,1	-0,2	2,6
Guatemala	3,4	4,8	2,4	3,9
Honduras	4,1	4,0	2,7	4,7
México	2,8	3,2	3,3	5,9
Nicarágua	6,5	2,6	3,8	4,1
Panamá	-0,1	-1,6	-1,6	1,9
Caribe	3,4	2,2	2,1	2,9
Antígua e Barbuda	0,7	2,8	1,0	0,6
Barbados	7,2	1,3	2,4	1,6
Belize	0,2	0,4	0,2	3,0
Guyana	2,1	1,3	0,5	3,8
Jamaica	6,2	4,5	5,6	5,0
Trinidad e Tobago	0,4	0,4	0,7	1,1
Argentina	52,9	34,1	41,3	48,3
Haiti	20,8	19,2	24,8	17,2
Suriname	4,2	60,7	35,2	43,6
Venezuela (Rep. Boliva)	9 585,5	2 959,8	2 354,8	2 719,5

Fonte: Comissão Econômica para América Latina e Caribe (2021c)

* Médias regionais e sub-regionais foram ponderadas pelo tamanho da população. As médias regionais e subregionais não incluem dados para economias com problemas crônicos de inflação (Argentina, República Bolivariana da Venezuela, Haiti e Suriname).

Com base na tabela 3 é possível observar que a taxa de inflação na região sofreu uma pequena queda, no período (dez/2019-dez/2020), mas voltou a crescer no ano seguinte, alcançando a marca de 5,1, no mês de julho. Os países que enfrentaram os aumentos mais significativos nos doze meses até a data de referência (jun/2021) estão localizados na América Central e México (+2,5 pontos percentuais) e na América do Sul (+3,6 pontos percentuais). Desses países que compõem o segundo grupo, o Brasil se mantém como aquele em que a inflação mais aumentou nesse período, saindo da marca de 4,5%, em 2019, para 8,3% em junho de 2021. Por outro lado, entre os países não incluídos nessas médias, na Argentina a inflação reduziu de 52,9%, para 34,1% em 2020, e na República Bolivariana da Venezuela caiu de 9.585% para 2.959,1% no



período. Em contraste a esses países, a taxa de inflação “no Suriname passou de 4,2% em 2019 para 60,7% em 2020. Em junho de 2021, a Argentina era o único país desse grupo onde a inflação estava acima do nível de dezembro de 2020”. (Cepal, 2021c, p.68).

Esse processo inflacionário foi explicado pela CEPAL da seguinte forma. Em um documento produzido no ano de 2021, *Pesquisa Econômica da América Latina e Caribe*, a Comissão afirmou que, por conta da grande contração da demanda agregada interna, a inflação alcançou nessa região níveis baixos no ano de 2020. Ou seja, apesar de sofrer algumas variações no primeiro semestre, no mês de dezembro do referido ano a inflação média nas economias da América Latina e Caribe foi de 3,0%, o que corresponde a 0,1 pontos percentuais menor do que em 2019. No entanto, em junho do ano seguinte, a inflação média já alcançava o patamar de 5,4 (2,4 pontos percentuais maior que no ano anterior). E isso foi impulsionado pelo “aumento dos preços de alimentos, energia e outros insumos, cujos processos comerciais haviam foram interrompidos desde o início da pandemia bem como pela maior volatilidade da taxa de câmbio” (Cepal, 2021c, p.22).

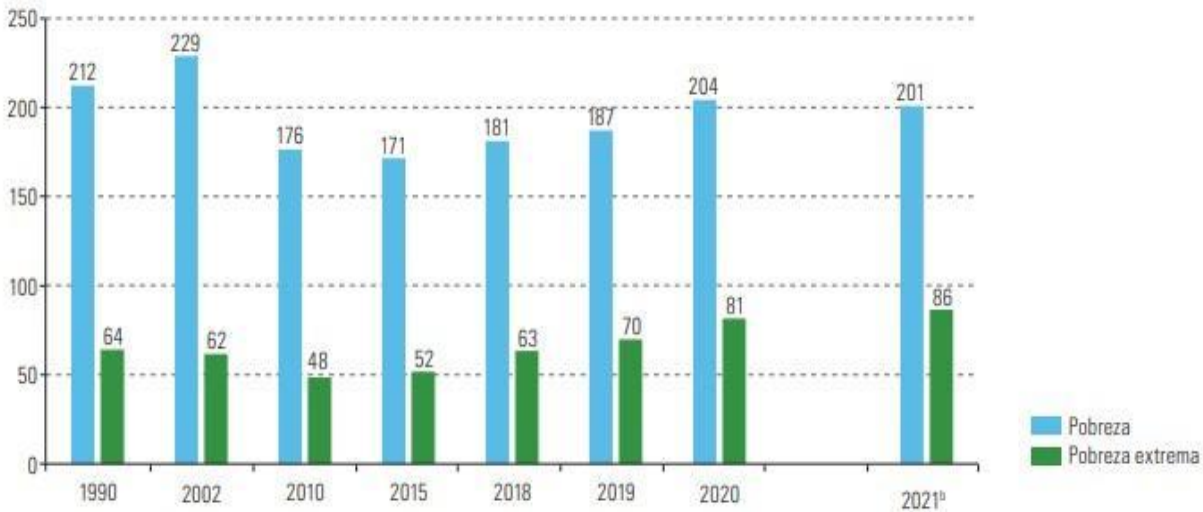
Esse aumento da volatilidade cambial é refletido na desvalorização das moedas de algumas economias da América Latina e Caribe, que ocorreu durante esse episódio de caráter sistêmico¹⁶, afetando a esfera econômica como um todo. As flutuações que ocorrem nos mercados de trabalho da região (gráfico 2), resultantes das flutuações que também ocorreram na atividade econômica (comércio internacional, fluxos de IDE, PIB, etc) estão intimamente relacionadas a ela de fato.

De acordo com Bhattacharya (2022), esse processo inflacionário, característico do biênio 2021-2022, impactou de forma mais direta nos salários reais, causando uma queda do poder de compra dos trabalhadores. Para a população desempregada, isso afetou as suas condições de subsistência de tal maneira, que a maior parte desta não conseguiu mais comprar os alimentos básicos. Assim, cresceu o número de pessoas vivendo em situação de pobreza e extrema pobreza na região (gráfico 4).

¹⁶ Conforme a Cepal (2022a): as moedas do Brasil, Chile, Colômbia e México depreciaram em média 22,9% no primeiro trimestre de 2020, antes de se fortalecerem 9,3% no quarto. Da mesma forma, o gourde haitiano perdeu 16% de seu valor no segundo trimestre de 2020, antes de recuperar 39% no terceiro.



Gráfico 3- América Latina: População vivendo na pobreza e pobreza extrema, 1990-2021, (em milhões de pessoas).



Fonte: Comissão Econômica para América Latina Caribe (2022a)

*Esses valores de 2021, correspondem a uma projeção.

De acordo com os dados apresentados no gráfico 3, de 2019 para 2020 houve um aumento de 17 milhões no número de pessoas vivendo em situação de pobreza na América Latina, o que representou um crescimento de quase 10% no período. Com relação à pobreza extrema, esse número também cresceu 15%, atingindo no ano de 2020 a marca de 81 milhões de pessoas¹⁷. Ainda que as projeções futuras apontem para melhorias nesse sentido, esses números aqui apresentados nos mostram um retrocesso significativo para a região, corroborado no crescimento acelerado no número de famintos jamais visto nas duas últimas décadas.

A junção desses fatores discutidos até o presente momento revela uma situação de instabilidade econômica e social nesses países, a qual contribui para o aumento do chamado “risco soberano” (tabela 3). Este indicador mede o *spread* entre a taxa de juros dos compromissos de dívida de um país em relação ao dos Estados Unidos. Assim,

¹⁷ Em síntese, isso significa que o total de pessoas pobres na região chegou a 285 milhões no final de 2020, 28 milhões de pessoas a mais do que no ano anterior. Segundo o panorama social do ano de 2020, feito pela CEPAL, persistem as lacunas entre os grupos populacionais: a pobreza é maior nas áreas rurais, entre crianças e adolescentes; indígenas e afrodescendentes; e na população com menores níveis educativos.



quanto maior for esse índice, menor a sua capacidade de honrar seus compromissos e maior a sua fragilidade e vulnerabilidade externa. (Cepal, 2022e).

Tabela 3 – América Latina: Risco soberano (2019-2022)

País	31/12/19	23/03/2020	21/12/20	31/12/21	31/03/22	31/06/22	31/10/22	15/11/22
Argentina	1.744	3803	1.368	1.688	1.718	2.428	2.624	2.385
Bolívia	218	645	481	412	509	888	597	700
Brasil	212	389	250	306	280	357	269	263
Chile	135	301	144	153	158	196	208	160
Colômbia	161	376	206	353	338	446	456	391
Equador	826	4573	1.062	869	810	1.165	1.570	1.425
México	292	653	361	347	349	473	428	386
Panamá	114	283	149	187	192	246	274	238
Paraguai	203	429	213	229	239	357	268	252
Peru	107	265	132	170	171	235	228	195
Uruguai	148	298	135	127	127	162	141	127
Venezuela	14.740	19.270	24.099	55.310	37.945	36.398	51.157	45.009
América Latina	346	703	354	381	382	506	493	447

Fonte: Comissão Econômica para América Latina e Caribe (2022e)

Conforme indica a tabela 3, no mês de março do ano de 2020 o risco soberano de todos os países latino-americanos deu um salto¹⁸. Porém, essa tendência não se manteve, já que em dezembro do referido ano esse índice reduziu, voltando a crescer posteriormente. Em meio a esse movimento contínuo de ascensão e queda, países como Argentina, Equador e Venezuela, apresentaram as maiores taxas de crescimento para o índice, sendo que nesse último, em dezembro de 2021, o mesmo chegava a 55.310¹⁹

¹⁸ “Quando a crise pandêmica do COVID-19 surgiu, os mercados reagiram buscando refúgio em áreas de baixo risco. Com isso, na América Latina esse indicador passou de 346 pontos-base no fechamento de 2019 para 827 em 23 de março de 2020” (Cepal, 2021c, p.61).

¹⁹ Esse aumento é reflexo da crise socioeconômica, política, humanitária, e migratória que a Venezuela tem enfrentado nos últimos anos, a qual foi potencializada pela pandemia. Para maiores informações



pontos base. No Brasil, esse índice cresceu, porém, em uma menor magnitude, quando comparado a outras economias mais vulneráveis, como estas citadas aqui.

Em suma, o aumento do risco soberano interfere na entrada de capitais nesses países, provocando uma queda no financiamento externo e uma desvalorização cambial. Isto posto, fica evidente como esse índice estabelece uma conexão direta com a inflação. Contudo a mesma não foi discutida pela CEPAL nesses documentos supracitados.

3. Perspectivas futuras

Apesar de vivenciar um período de queda nos seus índices econômicos e sociais, fruto dessa crise pandêmica, as expectativas existentes para essa região apontam para uma possível “recuperação” no dinamismo dessas economias nos anos seguintes. Alguns dados, referentes aos anos de 2021-2022 e outras projeções já apresentados confirmam essa informação, como: aumento nas exportações e importações, PIB, entrada de IDEs, redução da taxa de desemprego e de pobreza, etc.

Nesse sentido, a CEPAL estima que, com a retomada das atividades produtivas e dos investimentos públicos e estrangeiros, as economias da América Latina e do Caribe voltem a crescer (a taxa de 3,5% em 2022). Como resultado disso, haverá uma lenta reinserção dos trabalhadores no mercado de trabalho, o que reduzirá os níveis de desemprego, mas sem resolver a questão da desigualdade de gênero.

Essa “retomada” gradual, porém, não solucionará de maneira rápida os problemas estruturais, que atingiram altos patamares nessa fase crítica, como a desigualdade social e a inflação. Esse último, por exemplo, continuará a ter impactos diretos sobre o mercado de trabalho, através do aumento dos custos globais para as empresas; maior deterioração da renda real dos trabalhadores, o que diminuirá ainda mais o seu poder de compra da população nesse momento “pós-pandemia”. Aliado a isso, outros desafios precisam ser enfrentados pelo setor público (Cepal, 2022a; 2022e)

De antemão, é importante uma gestão macroeconômica de fato, o que exigirá do Estado um melhor direcionamento dos gastos públicos, no sentido de torná-los mais

sobre essa crise, ver algumas publicações, disponibilizadas no site oficial da CEPAL: <https://www.cepal.org/pt-br>. Acessado em 18 de março de 2023.



eficientes e eficazes no atendimento das necessidades da população mais vulnerável dessa região. Além disso, deve-se realizar reformas na política fiscal, que possam aumentar a arrecadação do Estado; e na estrutura tributária (CEPAL, 2022a).

Ademais, torna-se imprescindível dinamizar o investimento e a produtividade na indústria desses países, de maneira que seja possível criar novas e maiores oportunidades de emprego, reduzir a informalidade e os altos níveis de desigualdade social e pobreza, e avançar na adoção de práticas sustentáveis que possam mitigar os impactos ambientais já causados nessa região. Para tanto, “são necessárias políticas públicas inovadoras nas áreas produtiva, financeira, comercial e social e na economia do cuidado, para evitar uma nova década perdida como a observada no período 2014-2023”. (Cepal, 2022e, p.14).

4. Considerações finais

Em suma, ainda que não tenha discutido os impactos da pandemia em todos os setores, a síntese realizada neste ensaio apresentou um panorama geral da América Latina e do Caribe no período 2020-2021. Através desse esforço pôde-se compreender como a crise criada pelo novo coronavírus impactou nessa região de maneira mais agressiva, haja vista as suas condições histórico-estruturais, que a coloca numa situação mais vulnerável.

Desse modo, inicialmente constatou-se que a região foi acometida pelo vírus de maneira mais letal, como foi possível observar no crescimento do número de óbitos que ocorreu nesse período, vindo a reduzir a sua magnitude após o início do processo de vacinação. Em seguida, verificou-se uma queda no dinamismo econômico desses países, a partir de uma análise nos dados referentes ao comércio internacional, ingresso de investimento estrangeiro e no PIB. Estes, por sua vez, mostraram como essa mudança na conjuntura externa afetou o subdesenvolvimento dessa região, uma vez que se reduziu o valor das exportações realizadas, a entrada de empresas multinacionais em determinados setores etc., fazendo com que a soma dos bens e serviços produzidos reduzisse.

Ainda nessa segunda parte desse ensaio, notou-se que, devido a essa situação de instabilidade na esfera produtiva, aumentou-se os índices de desemprego, inflação e



pobreza da região. Nesse sentido, é válido ressaltar que houve um aumento das desigualdades sociais e de gênero e do risco soberano desses países, o que traz consequências mais severas para as economias periféricas de fato.

Isto posto, a CEPAL acredita que o planejamento de políticas para esses países constitui hoje a principal estratégia a ser realizada por parte do Estado. Através dele será possível dirimir os impactos de longo prazo dessa crise e construir um futuro melhor para a população. Para tanto, faz-se necessário uma reorientação dos gastos públicos, mudanças na política fiscal e pela criação de estratégias direcionadas a estimularem a produção doméstica, o comércio internacional etc.

Essas e outras recomendações propostas pela CEPAL nessas publicações citadas e em outras mais antigas apontam para a necessidade de se pensar novas ações para esses países na atual conjuntura. Isso enaltece a importância e a atualidade dos estudos realizados por essa Comissão, que apesar das críticas ainda existentes, mantém-se até os dias de hoje, na posição de principal escola de pensamento, capaz de analisar as questões estruturais e criar as condições que venham a promover desenvolvimento econômico latino-americano e caribenho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, L., S. CECCHINI; H. ULLMANN. *Enfrentando as desigualdades em saúde na América Latina: o papel da proteção social*, Ciência e Saúde Coletiva, vol. 25, nº 5, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), 2020.

BANCO MUNDIAL. Commodity Markets Outlook: The Impact of the War in Ukraine on Commodity Markets, Washington, DC, abril. (2022b), *COVID-19 Business Pulse Survey Dashboard* [online] <https://www.worldbank.org>. Acessado em 23 de Abril de 2023

_____. How deep will the COVID-19 recession be? In: WORLD BANK. *Pandemic, recession: the global economy in crisis; global economic prospects*. [s.l.]: World Bank, 2020. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/publication/global-economicprospects> . Acessado em 25 de Abril, de 2023.

BHATTACHARYA, A. *Financing a big investment push in emerging markets and developing countries for sustainable, resilient and inclusive recovery and growth*.



London, Grantham Research Institute on Climate Change and the Environment/London School of Economics and Political Science, 2022.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE. *Panorama Social de América Latina 2021*. Santiago, 2022a.

_____. *Estudio Económico de América Latina y el Caribe*, 2022. Santiago, 2022b.

_____. *La Inversión Extranjera Directa en América Latina y el Caribe*, 2022. Santiago, 2022c.

_____. *The sociodemographic impacts of the COVID-19 pandemic in Latin America and the Caribbean*. Santiago, 2022d.

_____. *Balance Preliminar de las Economías de América Latina y el Caribe*, 2022. Santiago, 2022e.

_____. *prolongamento da crise sanitária e seu impacto na saúde, na economia e no desenvolvimento social*, Informe COVID-19 CEPAL -OPAS, Santiago, outubro, 2021a.

_____. Una agenda innovadora de financiamiento para el desarrollo para la recuperación de América Latina y el Caribe. *Informe Especial COVID-19*, N° 12, Santiago, 2021b.

_____. *Estudio Económico de América Latina y el Caribe: Dinámica laboral y políticas de empleo para una recuperación sostenible e inclusiva más allá de la crisis del COVID-19*, Santiago, 2021c.

_____. América Latina y el Caribe ante la pandemia del COVID-19: efectos económicos y sociales. *Relatório Especial N°1*, abril, 2020a.

_____. O Investimento Estrangeiro Direto na América Latina e no Caribe, 2020. *Resumo executivo*. Santiago, 2020b.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo: Tendências*, Genebra, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Painel de Controle do Corona vírus da OMS (COVID-19), 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em 22 de Março, de 2022.



XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16a Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

SEN-CROWE, B.; MCKENNEY, M.; ELKBULI, A. Social distancing during the COVID-19 pandemic: staying home save lives. *The American Journal of Emergency Medicine*, v. 38, n. 7, p. 1519-1520, Apr. 2020. Disponível em: [https://www.ajemjournal.com/article/S07356757\(20\)30221-7/fulltext](https://www.ajemjournal.com/article/S07356757(20)30221-7/fulltext) . Acessado em 06 de abril, de 2023.

TRECE, J.C.C. Pandemia de COVID-19 no Brasil: primeiros impactos sobre agregados macroeconômicos e comércio exterior. *IPEA*. Boletim de Economia e Política Internacional | BEPI | n. 27 | Maio 2020/Ago. 2020.

WERNECK, G; CARVALHO, M. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.36, n.5, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. Clinical management of severe acute respiratory infection (SARI) when Covid-19 disease is suspected. Geneva: World Health Organization; 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications-detail/> . Acessado em 10 de Abril, de 2023.